

PRAZER E SOFRIMENTO NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

PLEASURE AND SUFFERING IN THE PROCESS OF ADAPTATION OF TEACHING WORK IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC

Janeilson de Lima de Sousa¹

Victor Sousa Teixeira²

José Edemir da Silva Anjo³

Resumo: O presente estudo teve o objetivo de compreender a percepção dos docentes, em relação ao sofrimento e ao prazer decorrente da mudança do ambiente de trabalho, durante a pandemia da Covid-19. A pesquisa traz como aporte teórico a psicodinâmica do trabalho, diante do contexto da pandemia Covid-19, nas relações do trabalho dos docentes, quanto ao prazer e ao sofrimento percebidos durante esse tempo de ensino remoto. O estudo foi conduzido, por meio de uma abordagem qualitativa, sendo realizado um estudo de caso em uma instituição de ensino superior. A partir da codificação e categorização dos dados produzidos, os resultados apontam, quanto ao sofrimento, o desgaste mental, em sua adaptação ao ambiente de trabalho “novo” e, também, adequação de sua rotina de ensino, o que chegou a gerar conflitos com tarefas domésticas. Quanto ao prazer, verificou-se que o aprendizado de novos métodos didáticos fora visto como uma satisfação pessoal quanto profissional.

Palavras-chave: Prazer e Sofrimento. Trabalho Docente. Trabalho Remoto. Covid-19.

Abstract: The present study aimed to understand the perception of teachers, in relation to the suffering and pleasure resulting from the change in the work environment, during the Covid-19 pandemic. The research brings as a theoretical contribution the psychodynamics of work, in the context of the Covid-19 pandemic, in the work relationships of teachers, regarding the pleasure and suffering perceived during this time of remote teaching. The study was conducted through a qualitative approach, with a case study being carried out in a higher education institution. From the coding and categorization of the data produced, the results point out, regarding suffering, mental exhaustion, in their adaptation to the “new” work environment and, also, adequacy of their teaching routine, which came to generate conflicts with housework. As for pleasure, it was found that learning new teaching methods was seen as a personal and professional satisfaction.

Keywords: Pleasure and Suffering. Teaching work. Remote Work. Covid-19

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A industrialização, os meios de comunicação e o avanço das tecnologias da informação transformaram as relações de trabalho, modificaram o ambiente laboral, bem como fez surgir inúmeros aspectos benéficos para a celeridade das atividades de trabalho. Todavia essa rápida e grande evolução trouxera algumas consequências, entre as quais se destacam aquelas relacionadas à adaptação do ambiente e que vêm modificando vários aspectos relacionados ao

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI)

² Universidade Federal do Piauí (UFPI)

³ Universidade Federal de Lavras (UFLA)

trabalho e que podem afetar a psique e a saúde física e mental e põem profissionais, em situação de vulnerabilidade, quanto ao contexto atual de trabalho. Em virtude do cenário de transformação, em que se encontra o mundo, os diversos aspectos relacionados ao trabalho põem milhares de pessoas, em situações de trabalho desgastantes e contribuem para o desenvolvimento de doenças relacionadas à ergonomia e psicopatologias.

Correlato a isso, em 2019, com o surgimento do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19), com alta transmissibilidade, transformou-se em uma pandemia, causando impacto em todas as esferas sociais, políticas e econômicas. Outrossim alterou-se o ambiente de trabalho de grande parte da população mundial, acarretando a necessidade de se adaptar à outra metodologia de trabalho: o trabalho remoto (home office), que é uma das modalidades do teletrabalho e, no contexto dos dias atuais, deu-se de forma rápida, sem planejamento e nem preparação prévia dos trabalhadores que atuariam desse modo (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020).

Desse modo, a COVID-19, modificando o comportamento e ações da sociedade, promoveu um contexto atípico de trabalho, no qual trabalhadores saíram dos ambientes internos de uma organização para os seus domicílios. Esse fato atingiu os mais diversos setores da economia, com destaque à educação, em que docentes e alunos foram compelidos a mudar seus ambientes de trabalho e estudos. Em estudos realizados com professores brasileiros indicou-se que, apesar do trabalho ser associado ao prazer, nessa classe, são encontradas diversas dificuldades na execução de suas tarefas (DARIO; VILELA; LOURENÇO, 2018; HOFFMANN *et al.*, 2017; SILVA; SILVA; NELSON, 2015), principalmente, no período pandêmico (SOUZA *et al.*, 2021). Assim, o presente estudo teve como objetivo geral compreender a percepção dos docentes, em relação ao sofrimento e ao prazer decorrente da mudança do ambiente de trabalho, durante a pandemia da Covid-19. Outrossim, como objetivos específicos, pretendeu-se analisar o impacto dos fatores de sofrimento, nas atividades docentes, em seu processo de adaptação, no ambiente de trabalho domiciliar, assim como compreender os reflexos dos aspectos de prazer na rotina docente para superar as dificuldades do ensino remoto. Para tanto, o locus da pesquisa fora com docentes, em uma instituição federal de ensino superior, localizada no Nordeste do Brasil.

Nesse contexto, o estudo justifica-se pela importância de apresentar à sociedade fatores do trabalho remoto realizado por docentes gerando, como consequência, sofrimento e prazer nas atividades (FILARDI; CASTRO; ZANINI, 2020). Logo o contexto do trabalho remoto gerou fatores que são essenciais serem apresentados, por necessidade de buscar meios mais adequados, saudáveis, ergonômicos e prazerosos a um ambiente de trabalho que foi alterado de forma emergencial, em decorrência de um vírus que se espalhou globalmente.

A presente pesquisa tomou como base teórica os estudos sobre a contextualização das universidades públicas brasileiras, durante a pandemia do Covid-19, com atenção ao trabalho docente e sua mudança de ambiente de trabalho. E, para além dessas considerações iniciais, o trabalho seguiu estruturado com aporte teórico sobre psicodinâmica do trabalho e trabalho docente, seguido do percurso metodológico. Logo após, foram apresentados e discutidos os resultados e, por fim, considerações finais sobre a realização do estudo.

2. NOTAS SOBRE PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A Psicodinâmica tem suas raízes históricas, nos anos de 1950, surgindo de um movimento chamado psicopatologia do trabalho, liderado por alguns psiquiatras franceses e sendo desenvolvida, na década de 1980, na França, pelo psicanalista Christophe Dejours. A psicodinâmica do trabalho é uma abordagem científica que investiga o comportamento e os mecanismos de defesa dos trabalhadores, diante das situações causadoras de sofrimento, por causa das organizações do trabalho (DEJOURS, 1987; 2014).

Para Dejours (1993; 2012), o sofrimento é uma vivência subjetiva mediadora entre doença mental e o conforto psíquico. Por outro lado, o autor também afirma que não existe trabalho sem sofrimento, principalmente, porque os valores de saúde e doença foram construídos na empresa sob o foco da produtividade por influência direta do taylorismo. Todavia o profissional tende a sofrer, ao passo que é impedido de colocar seu ritmo, de forma subjetiva e individualizada, na forma de implementar as práticas nas atividades laborais, tonando-se cada vez mais submisso e menos sujeito atuante, no contexto das práticas laborais da organização (GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2015).

Além disso, o sofrimento no trabalho está relacionado também a outros aspectos mais internos à organização, na qual o profissional desenvolve suas tarefas profissionais, sendo em expectativas, ansiedade e pressões sobre o desenvolvimento e resultados e que confluem com a manutenção do emprego, status ou garantia da renda, em que está relacionado intrinsecamente com a origem das doenças ocupacionais em um indivíduo (DEJOURS, 1994; 2014). No entanto a principal raiz do sofrimento é singular a cada indivíduo, sendo individualizado e dependente da construção social e psíquica.

Outrossim, conforme Silva, Silva e Nelson (2015), existe outra vertente que influencia no sofrimento, o salário, em que se tem como um incentivo de minimizar o sofrimento dentro de uma organização. Silva, Silva e Nelson (2015) relatam que o salário é um mecanismo mais comum de tentar motivar o desempenho no trabalho que o amplo do serviço. Portanto fica evidente a necessidade de se observar as implicações do mundo do trabalho, como abordagem

também preventiva, em relação ao adoecimento mental dos profissionais, além disso, não é apenas detectar os aspectos que causem sofrimento psíquico, mas também pôr em evidência as doenças que podem vir a acometer os trabalhadores e também fortalecer a importância de investir na saúde dos colaboradores (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

No aspecto do prazer, alguns fatores são alvo de estudo, para que seja perceptível para as organizações aqueles que podem contribuir à melhor adequação, na organização do trabalho, na qual se inclua a modelagem do ambiente de trabalho para que se mitigue o sofrimento. Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) salientam que um dos fatores que está envolvido no prazer do trabalho se refere às relações, nas quais o relacionamento com colegas de trabalho, pautadas na cooperação, apoio e confiança, podem contribuir numa vivência laboral prazerosa e que também reflete num melhor estado mental. Um outro fator que envolve o prazer é o sentido atribuído ao trabalho, a partir do qual o profissional reconhece o grau de importância de suas tarefas de trabalho para si e para os demais da sociedade, que também entra o aspecto do reconhecimento, em que se percebe que tanto fatores intrínsecos quanto extrínsecos ao indivíduo são determinantes nas vivências de prazer (DEJOURS, 1994; 2014)

Dario e Lourenço (2018) reforçam que o trabalho influencia na formação da autoimagem do profissional, assim, constitui um mediador da saúde, com primazia à mental, dessa forma, possibilita a construção da identidade dos sujeitos do trabalho. Nesse sentido, a possibilidade do uso de uma marca pessoal, reforçada pelo orgulho pelo que faz, aliado ao reconhecimento dos superiores, bem como dos colegas, também se modela como um aspecto de produção do prazer laboral. Ainda, o trabalho, como originador de prazer, permeia também as capacidades humanas do sentir, do pensar e do fazer, em que são interconectadas com as vivências de bem-estar, alegria e satisfação em relação ao trabalho (DEJOURS, 2012).

2.1. ASPECTOS DO TRABALHO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

Diante desse cenário, o setor educacional, com foco na atividade docente, fora uma das mais impactadas, seja por uma nova configuração no mundo do trabalho, ser provocada, além de outros fatores, pela revolução informacional, avanço tecnológico e pela pandemia, causada pelo Vírus SARS-CoV-2, seja pelas políticas públicas relacionadas à expansão e avaliação de desempenho no Ensino Superior, nas quais a intensificação dessa atividade impactou ainda mais no sofrimento na prática laboral do docente (GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2015). Hoffmann et al. (2017) relatam que o adoecimento no contexto docente está relacionado a alguns fatores na organização do trabalho, como ritmo acelerado, exigência de produção, estresse, ansiedade e, sobretudo, conflitos nas relações interpessoais, em todos os âmbitos

dentro da organização, que propulsionam o aspecto relacionado ao sofrimento do docente (HOFFMANN *et al.*, 2017).

Hoffmann et al. (2017) trazem um cenário correlato ao encontrado, nos momentos mais críticos da Pandemia de COVID-19, em que certas condições surgiram como um sofrimento, que pode ser considerado o confronto entre uma história individual (na qual se consideram projetos, esperanças, desejos e aspirações) e uma organização do trabalho que ignora todas essas perspectivas. Desse modo, inexistindo opções, docentes fazem de sua casa um ambiente profissional, não definindo horários específicos de trabalho. Conseqüentemente, essas práticas induzem ao sofrimento, pois docentes com carga excessiva de trabalho visam ao descanso, por exemplo, no fim de semana, no entanto, por essa intensa cobrança e carga de trabalho – com destaque ao período pandêmico- confronta esses desejos aos da organização cujo docente integra (HOFFMANN *et al.*, 2017).

O cenário acadêmico proporcionou o avanço de todas as conseqüências negativas para a atividade docente durante a pandemia. Nesse sentido, as instituições de ensino superior, por não constituírem um todo coeso, estruturaram-se em ambientes conflituosos, em que, de acordo com Martins e Honório (2014), dá-se, em sua grande maioria, pela disparidade de qualificação e desempenho dos docentes. Assim, quando na mudança ambiente laboral, reforçado pelas outras variáveis, o docente “entrou em crise” na sua atividade. Conforme Freitas (2017), a academia é um *Lócus* de risco para a saúde dos professores, em que diversos problemas psicossomáticos são os mais diagnosticados.

Portanto faz-se necessária a percepção em relação às conseqüências psíquicas no docente, referente ao desenvolvimento de suas atividades, pois, conforme dados do Ministério da Saúde (MS)⁴, transtornos mentais ocupam a terceira posição, quando analisadas as principais causas de afastamento do trabalho por mais de quinze dias ou aposentadoria por invalidez (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

3. TRABALHO DOCENTE UNIVERISTÁRIO EM TEMPOS DE COVID-19

O alto risco de transmissão do coronavírus fez com que o mundo buscasse providências para se adaptar rapidamente e de várias maneiras, visto que o isolamento social foi considerado como um dos mecanismos de mais eficazes indicados pelas autoridades da saúde, para evitar a disseminação do vírus e mitigar as possíveis conseqüências. Ademais, milhares de profissionais

⁴ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/transtornos-mentais-sao-terceira-maior-caoa-de-afastamento-do-trabalho>> Acesso em: 20 de fev de 2022.

de todas as áreas tiveram suas atividades laborais abaladas, assim, precisaram se ajustar a uma nova forma de trabalho, na qual tiveram que exercer suas funções profissionais de forma remota, em home-office. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a IBGE-PNADCOVID19⁵, em maio de 2020, eram cerca de oito milhões de trabalhadores em atividade remota.

Outrossim, o trabalho docente, em todos os níveis de ensino, seja nas instituições públicas ou nas privadas, passou por inúmeros desafios, no ápice da pandemia, bem como ainda passa, em razão da mudança de ensino presencial para o ensino remoto, por meio de plataformas digitais, impactando diretamente a atividade docente, levando em consideração que a sala de aula é constituída por um espaço de aglomeração que deveria ser evitado (GODOI *et al.*, 2020).

Desse modo, as instituições educacionais suspenderam suas atividades presenciais como medida para evitar o contágio. Esse processo de mudança de atividades presenciais para a forma remota exigiu dos docentes um grande poder de adaptação e obtenção de novas habilidades, para lidar com esse novo método de trabalho, pois, além dos saberes necessários para a prática de suas funções na sala de aula, tiveram também que aprender e utilizar conhecimentos em tecnologia, para utilizar os softwares, computadores, plataformas digitais, entre outras. Nesse ínterim de mudanças na forma de trabalhar, levou a comunidade acadêmica, docentes e técnicos administrativos a processos de adaptação do ambiente de trabalho (GUSSO *et al.*, 2020).

A sobrecarga gerada por objetivos propostos pelas instituições de ensino, durante esse período pandêmico, sem conseguir executá-los pela pressão, para a utilização de tecnologias da informação sem preparo adequado, acabou adoecendo o docente. Pesquisas internacionais já mostram o adoecimento docente expresso pelas incertezas, estresses, ansiedade e depressão, ocasionando a síndrome do esgotamento profissional. Esse cenário mostra que os docentes estão inseridos em um ambiente propício ao adoecimento mental pelos reflexos da Covid-19, seja pelas pressões oriundas das instituições de ensino superior, relacionadas ao uso das tecnologias digitais, dos objetivos de produção científica, da adaptabilidade ao novo ambiente de trabalho e da programação cotidiana de aula dos docentes, somadas à sua vida conjugal, materna e doméstica e tantas outras atribuições que lhes são conferidas (SILVA *et al.*, 2020).

Ademais, as metodologias laborais dos docentes, no home office, alterou sua jornada de trabalho e, conseqüentemente, seu estilo de vida, em que passou a se dedicar também a obter conhecimentos sobre alguns aspectos que iriam influenciar na forma de ensino, como, por

⁵ Disponível em:< <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>> Acesso em 02 mar de 2022.

exemplo, aprender a utilizar ferramentas tecnológicas e didáticas. Assim, é notório que, de forma conjunta com a expansão da educação superior, é expressa a expansão da precarização do trabalho docente, em que a mudança do ambiente de trabalho colaborou nesse aspecto (DÁRIO, 2021). Desse modo, conforme Souza et al. (2021), o fato é que, no contexto da pandemia, os docentes, submetidos ao novo ambiente de trabalho e imersos em novas ferramentas laborais, encontram-se submetidos a exigências, que anteriormente eram mitigadas pelo ambiente de trabalho presencial.

Além disso, a existência de insistentes e constantes cobranças, para a entrega de atividades e tarefas diárias, provoca desgaste físico e psicológico nos docentes, gerando a possibilidade do profissional adquirir, por exemplo, a Síndrome de Burnout. Nesse aspecto, Carlotto (2002) salienta que essa síndrome traz alguns sintomas, tais como: “insônia, úlceras, dores de cabeça e hipertensão, além de abuso no uso de álcool e medicamentos, incrementando problemas familiares e conflitos sociais”. Ademais, o acometimento de doenças como essas é em todas as classes sociais e hierarquias e estão se tornando cada vez mais frequentes (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização do estudo, adotou-se o método de pesquisa qualitativa com caráter explicativo, tomando como ponto de partida o objetivo deste estudo. Pois, por meio da pesquisa qualitativa, uma descrição densa dos fatos, procurando a compreensão das experiências humanas dentro de determinado contexto (GODOI; BALSANI, 2010).

Godoy e Balsani (2010) retratam a pesquisa qualitativa como um conceito “guarda-chuva”, a qual propõe auxiliar na explicação do fenômeno, porém, sem buscar regularidade nos agentes os quais descreve. Como estratégia metodológica, utilizou-se o estudo de caso, que se caracteriza por utilizar uma série de técnicas de pesquisas usuais, em maior profundidade, como a realização de entrevistas. A utilização do estudo de caso parte da premissa do interesse do pesquisador em voltar-se a compreender os processos sociais que ocorrem num determinado contexto (GODOY, 2010).

Desse modo, a coleta dos dados ocorreu, por meio da realização de entrevistas com suporte de um roteiro semiestruturado. A escolha da entrevista para a pesquisa colaborou em dois aspectos: o primeiro está relacionado ao aspecto do distanciamento social, assim, evitando contato e, conseqüentemente, contágio entre pesquisador e entrevistado; o segundo aspecto está relacionado à própria análise dos dados, visto que foi possível observar como o docente fazia

suas reflexões acerca de cada pergunta, tal como expressões e comportamentos (GODOI; MATTOS, 2010).

Para tanto, foram utilizados como critérios de seleção sujeitos participantes do estudo: ser docente efetivo desde o período anterior a pandemia e ter atuado no ensino remoto emergencial no curso de administração. Foram convidados seis docentes do curso de administração de uma instituição de ensino superior na região Nordeste do Brasil, entre os quais apenas quatro se disponibilizaram a participar da pesquisa. As entrevistas se deram, por meio remoto, com o uso do “*Google Meet*®”, cada uma com uma duração média de 40 a 60 minutos.

Visando não revelar os nomes dos entrevistados, foram utilizados nomes substitutos, pois pretendeu-se usar nomes de referência na literatura da administração. Desse modo, conforme o quadro seguinte, os docentes têm títulos de mestrado e doutorado, com tempo de docente médio de mais de 13 anos. Ademais, para a preservação da identidade dos docentes, que foram utilizados nomes que representam personalidades da história da administração. **Taylor** e **Fayol** para os entrevistados do sexo masculino; e **Follet** e **Warhlich** para as entrevistadas do sexo feminino.

Quadro 1 – Perfil dos Entrevistados

| Nome | Formação | Tempo de serviço como docente |
|-------------|----------------------------|--------------------------------------|
| Taylor | Mestrado em administração | sete anos e três meses |
| Follet | Mestrado em administração | 18 anos |
| Wahrlich | Doutorado em direito | 11 anos |
| Fayol | Doutorado em administração | 17 anos |

Fonte: Produzido pelos pesquisadores com base nas respostas sobre o perfil do entrevistado.

Os dados produzidos foram analisados por meio da análise de conteúdo (AC) (COLBARI, 2014). Para analisar as falas dos entrevistados, foram observados padrões em suas respostas e, assim, produzidos códigos temáticos. Contabilizando todas as quatro entrevistas, foram extraídos 24 códigos que remetem tanto ao sofrimento quanto ao prazer. A partir disso, foram criadas seis subcategorias que englobam termos semelhantes quanto ao conteúdo desses códigos. Destaca-se que a análise foi realizada, por meio de uma dimensão interpretativa e de quadros conceituais, em que os processos de codificação e categorização foram operacionalizados sem o suporte de softwares.

Quadro 2 – Categorias e Subcategorias Temáticas

| CÓDIGOS DA CATEGORIA SOFRIMENTO | SUBCATEGORIA DE SOFRIMENTO | CÓDIGOS DA CATEGORIA PRAZER | SUBCATEGORIA DE PRAZER |
|--|--|--|--|
| Necessidade da metodologia remota | Adaptação do ambiente de trabalho | Manutenção de laços profissionais | Desenvolvimento das relações docentes e discentes |
| Adaptar a rotina de ensino/ Adaptação de rotina/ Persistir em melhorar | | Cooperação entre professores | |
| Conciliação com tarefas domésticas | | Desenvolvimento de relações | |
| Distanciamento social | | | |
| Falta de interação/ Presença física do aluno | Interação social educacional e a falta de reconhecimento da categoria docente | Vocação de dar aulas/ Aprendizado / crescimento pessoal /evolução pessoal tecnologicamente / desenvolvimento de habilidades/ Dinâmicas adaptadas/ Despertar da inovação / aumento da criatividade | Crescimento pessoal e profissional |
| Falta de reconhecimento da categoria / Falta de ajuda do governo | | | |
| Psicológico | Cansaço físico e mental | Maior disponibilidade de tempo / proximidade com a família | Gestão do tempo |
| Cansaço/Desgaste | | Disponibilidade em multiplataformas | |
| | | Tecnologias a serviço da docência | |
| | | | |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados demonstram que a adaptação ao ambiente de trabalho dos docentes constituiu fatores de sofrimento e prazer. Esses fatores demonstraram alguns planos sobre como foram as atividades de trabalho docente, durante a pandemia, na qual a análise passou-se também sob seus aspectos pessoais quanto profissionais. Assim, foi observado que, apesar das dificuldades surgidas nessa adaptação a uma modalidade de ensino, cujos docentes não haviam experiência profunda, percebeu-se que aspectos pessoais os auxiliaram, ao longo desse período, na readequação às aulas.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos dados coletados, foi possível investigar como a mudança no ambiente de trabalho gerou inúmeras consequências tanto relacionadas aos aspectos pessoais quanto profissionais dos docentes (GODOI *et al.*, 2020; GUSSO *et al.*, 2020). Nesse sentido, foram

categorizadas alguns fatores, de acordo com cada fala nas entrevistas com os docentes, de maneira que a apresentação foi dividida em duas dimensões: a do sofrimento, que apresenta aspectos relacionados a como a adaptação ao ambiente de trabalho impactou no docente de forma a considerar, conforme Dejours (2014), desconfortável mentalmente a prática das atividades de trabalho; e a do prazer, que relaciona fatores que contribuem para satisfazer, bem como mitigar o sofrimento, quanto à prática laboral.

Além disso, como último tópico, fora feita também uma nuvem de palavras com os entrevistados, que mostra em palavras os sentimentos relacionados ao âmbito da pesquisa com termos previamente solicitados quanto à seguinte indagação: “Quais são as 5 (cinco) primeiras palavras que lhe vêm quando se fala em trabalho remoto durante a pandemia?”, com o fim de construir uma análise mais precisa dos dados e analisá-los sob as premissas advindas dos estudos de psicodinâmica no trabalho de Dejours (1994; 2014).

Desse modo, as três palavras mais ditas foram: “comodidade”, “motivação” e “cansaço”, que apareceram em quantidades iguais. Assim, corrobora com Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), os quais relacionam alguns fatores que constituem o prazer no trabalho e, de acordo com a compreensão dos dados, gerou a motivação no processo das atividades docentes. Conforme Hoffmann et al. (2017), o adoecimento no contexto docente está relacionado, além de outros aspectos, à exigência de produção, ao estresse e à ansiedade, o que reafirma a palavra “cansaço” ser uma das mais citadas pelos docentes, sendo assim, interliga-se ao processo de adaptação ao ambiente de trabalho, de novas didáticas e uso de recursos outrora não utilizados (SOUZA et al., 2021).

Figura 1 – Nuvem de Palavras



Fonte: Dados da Pesquisa a partir do sítio Wordart.com®.

5.1. O SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

5.1.1 Adaptação do ambiente de trabalho

O surgimento repentino do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) fez com todas as áreas tivessem que mudar suas rotinas e se adaptar. Os docentes se viram na necessidade de migrar para a metodologia remota, a qual é uma das modalidades do teletrabalho e que, no contexto dos dias atuais, deu-se de forma rápida, sem planejamento e nem preparação prévia dos trabalhadores que atuariam desse modo (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020). Um dos entrevistados relata a situação: "Talvez isso fosse algo inevitável daqui mais alguns anos. Talvez uma década, mas nesse momento as coisas vieram meio que de repente" (Fayol).

O trabalho docente, em todos os níveis de ensino, seja nas instituições públicas seja nas privadas, passou por inúmeros desafios no ápice da pandemia, bem como ainda passa, em razão da mudança de ensino presencial para o ensino, por meio de plataformas digitais, impactando diretamente a atividade docente, levando em consideração que a sala de aula é constituída por um espaço de aglomeração, o que foi considerado prioritário evitar (GODOI *et al.*, 2020).

Associado a esse último relato, outro ponto que foi bastante enfatizado pelos entrevistados foi a questão da adaptação à rotina de ensino: "[...] Todos os professores de alguma maneira tenham tentado né melhorar suas condições de dar aula, né? Se preparar adequadamente, para tentar atingir o objetivo..." (Fayol).

De início, todos viram essa mudança repentina como um grande desafio, pois a sua formação foi com ênfase no ensino presencial, então, para eles, foi um pouco difícil se adaptar a essa nova maneira de dar aulas. No trecho abaixo, é possível observar como se deu, no caso do entrevistado Taylor, esse processo de adaptação:

Eu sou um professor, cuja a minha ênfase de atuação de trabalho é presencial, então quando nós passamos a ter aulas remotas, eu me deparei aí colocando a última palavra anterior como um desafio. Como é que eu iria adaptar a prática de trabalho presencial, a essa prática é remota? (Taylor).

De fato, em estudos que foram realizados com professores brasileiros, foi indicado que, apesar do trabalho ser associado ao prazer, foram encontradas diversas dificuldades na execução de suas tarefas (DARIO; LOURENÇO, 2018; HOFFMANN *et al.*, 2017; SILVA; SILVA; NELSON, 2015), principalmente durante o período pandêmico (SOUZA *et al.*, 2021). Esse novo método de ensino, que foi imposto, era algo totalmente novo para a maioria dos docentes, e eles tiveram que aprender e se adaptar de forma acelerada, como cita a Profa. Wahrlich:

Eu me adaptei tendo que aprender né a utilizar mais ferramentas, o próprio Sigaa, né, com uma questão as tarefas, o campo disponível lá, quantas tarefas o próprio Google, Forms para avaliação, então eu tive que buscar aprendizado nessa parte tecnológica, né, de comunicação, de certa forma de aprendizado, né?

Dessa maneira, sem ter outras opções, os docentes acabam tendo que transformar seus lares em ambientes profissionais, o que conseqüentemente causa a impossibilidade de definir horários específicos de trabalho, segundo Hoffmann et al. (2017). Por conseguinte, essas práticas induzem ao sofrimento, pois os docentes acabam ficando com uma carga excessiva de trabalho e precisando descansar, mas pela intensa cobrança da instituição acabam não tendo tempo para isso. Outro exemplo pode ser observado na fala do professor Taylor:

Eu estou aqui em um ponto da minha casa que eu adaptei a uma sala de aula, ou seja, aqui atrás de mim você vendo esse momento assim como nas aulas, eu comprei esse quadro coloquei, aí eu comprei pincéis, eu comprei apagadores, trouxe impressora para cá. Ou seja, eu fiz uma extensão de todo o meu aparato de trabalho da instituição aqui para dentro da minha casa.

Juntamente a essa adaptação do ambiente de trabalho, os docentes ainda têm a preocupação de ter que conseguir conciliar as tarefas domésticas com as profissionais: “[...] sozinha em plena pandemia, trabalho, cuidado de criança” (Follet). Já para Taylor o que dificultou ainda mais o processo de mudança:

[...] é um ponto negativo porque eu estou adaptando coisas do meu convívio familiar ao meu trabalho, coisa que é, eu vejo que na casa da gente, a gente precisa do conforto, de estar ao lado de nossas famílias. [...] interferiu é na relação pessoal, na relação familiar, por quê, é, é eu trouxe uma extensão do ambiente acadêmico para dentro da minha residência.

Dessa maneira, conforme Souza et al. (2021), o fato é que, no contexto da pandemia, os docentes, submetidos ao um novo ambiente de trabalho e imersos em novas ferramentas laborais, encontram-se submetidos a exigências, anteriormente mitigadas pelo ambiente de trabalho presencial.

5.1.2 Interação socioeducacional e a falta de reconhecimento da categoria

No cenário pandêmico, causado pelo novo coronavírus, o sistema de ensino mundial passou por várias mudanças e continua sendo constantemente reajustado em busca de melhorias. A grande maioria dos docentes não estava preparada para essa transferência do presencial para o remoto (NOBRE, 2021). Ante as entrevistas que foram feitas, durante esta pesquisa, percebe-se que um dos aspectos mais difíceis considerados pelos docentes foi a dificuldade e a falta de interação com os alunos, como foi citado em alguns trechos das entrevistas: “O mais difícil foi é, é não tá presente em sala de aula mesmo, o universo

contagante que a sala de aula tem” (Wahrlich). A professora Follet complementa “[...] então claro que a gente sente falta de fazer isso, sente saudade de andar no campus, daquele “calorzinho”.

Outro fator que vem causando bastante sofrimento e indignação nos docentes é a questão da falta de reconhecimento e de ajuda do governo. Eles veem isso como algo frustrante, pois, apesar da busca constante por esse reconhecimento, continuam sem receber a merecida atenção: “...é eu acho sabe é um tanto quanto injusto essa falta de reconhecimento é. Que não se limita apenas à questão da pandemia, mas eu acho que isso se acentuou nesse momento...” (Fayol). “O salário (risos) a gente tá desde 2012 sem um aumento, né? Então a perda salarial tá muito grande muito grande” (Follet). “Eu arqueei com os meus próprios recursos, financeiros e pessoais” ... “É pelo menos até onde meu conhecimento alcança, não tivemos nenhum subsídio do governo assim” (Taylor).

Deveria ser um fator de prazer, já que, é a partir do trabalho prestado, que o docente reconhece o grau de importância de suas tarefas tanto para si quanto para a sociedade. Dario e Lourenço (2018) reforçam que o trabalho influencia na formação da autoimagem do profissional, assim, constitui um mediador da saúde, com primazia à mental, dessa forma, possibilita a construção da identidade dos sujeitos do trabalho. Em concordância com Silva, Silva e Nelson (2015) relatam que o salário é o mecanismo mais comum de tentar motivar o desempenho do trabalho que o amplio do serviço. E, de acordo com esta pesquisa, fica perceptível o quanto a falta de reconhecimento do governo em relação à classe docente causa frustração e desmotivação nos professores.

5.1.3 Cansaço físico e mental

Alguns docentes explicaram que essa mudança repentina na maneira de eles darem aula fez com que sentissem um maior desgaste psicológico, como relata um dos entrevistados: “[...] então isso é, impacta, digamos assim o meu psicológico porque significa naturalmente são dois anos sem aula presencial” (Taylor). Para Dejours (1993), esse sofrimento é uma vivência subjetiva mediadora entre doença mental e o conforto psíquico. Ou seja, porque os docentes não estão acostumados a ficarem horas sentados à frente da tela de um computador, o seu psicológico acabou tendo que sair da “zona de conforto”, para uma área desconhecida, de certo modo, que é no caso do ensino remoto, o que causou um desgaste maior.

Foi relatado também um aumento do cansaço e do desgaste físico, que ocorria, principalmente pela grande quantidade de tempo que eles tinham que passar sentados em uma

cadeira: “Eu observo assim que quando eu chego num estado e tal de cansaço, né? Eu sinto falta de ar, assim, falta de ar no sentido de ficar mais ofegante (Fayol).” Já para Taylor:

Tem horas que eu me sinto mais cansado de ficar muito tempo aqui na cadeira diante do computador. A vista cansa um pouco mais. Eventualmente, sinto dores nas pernas e até mesmo nas costas

O relato de Taylor e Fayol confirmam o argumento de Hoffmann et al. (2017) de que o adoecimento, no contexto docente, está relacionado a alguns fatores na organização do trabalho, como ritmo acelerado, exigência de produção, estresse, ansiedade e, sobretudo, conflitos nas relações interpessoais em todos os âmbitos dentro da organização, a qual propulsiona o aspecto relacionado ao sofrimento do docente.

A respeito desses relatos, fica bastante evidente a necessidade de se observar as implicações que são causadas no mundo do trabalho, como uma forma de prevenir o adoecimento mental e físico dos profissionais e, além disso, não é apenas detectar os fatores e aspectos que causam sofrimento psíquico, mas também colocar em evidência as doenças que podem vir a acometer os trabalhadores e ainda frisar e fortalecer a importância de se investir na saúde dos colaboradores (SILVA; SILVA; NELSON, 2015)

5.2. O PRAZER NO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

5.2.1. Crescimento pessoal e profissional

Dario e Lourenço (2018) salientam o aspecto da formação de uma autoimagem que se conecta na satisfação e prazer no trabalho. Essa formação é contribuída também pelo desenvolvimento nos seus aspectos laborais, logo o crescimento pessoal alia-se ao fator de prazer nos docentes investigados. Nesse sentido, a entrevistada Follet relata que essa mudança de ambiente de trabalho ocorrido, durante a pandemia, fomentou a seu desenvolvimento tanto pessoal como profissional. Em sua fala ela relata: “[...]eu acho que isso traz, para mim, um crescimento, um amadurecimento, um desenvolvimento pessoal”.

Ademais, em diversos setores de desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, os aprendizados, para lidar com a tecnologia nos novos tempos, foram percebidos com destaque. Fayol afirma que “[...] talvez, se não ocorresse a pandemia, a gente continuaria né dando nossas aulas das mesmas maneiras, sem conhecer novas metodologias sem conhecer novas plataformas...” e reforça, também, que “A gente de alguma maneira evoluiu nesse sentido e talvez tenha sido lá dessa iniciação tecnológica”, corroborando com o que Taylor diz:

[...] Então, um ponto positivo dessas aulas remotas nessa perspectiva foi que eu desenvolvi uma habilidade... Uma expertise, é de ter uma maior familiaridade,

digamos assim, com a tecnologia... Então, hoje sobremaneira eu já utilizo algumas tecnologias com maior facilidade por ocasião das aulas remotas.

Isso vai ao encontro do que fora observado nos trabalhos de Gusso et al. (2020), que exigiu dos professores uma grande necessidade de adaptação e obtenção de habilidades, nas quais conhecimentos relacionados a tecnologias e adaptação das metodologias didáticas sobressaem.

Outro aspecto relacionado ao prazer é a vocação em dar aulas dita pelos entrevistados, em que, mesmo tendo diversos empecilhos, no decorrer da pandemia, não tiveram cogitações de uma possibilidade de largar a docência. Esse fator é observado quando Follet relata que:

[...] ver a pandemia como oportunidade que a gente tem para repensar muitas coisas: repensar relacionamentos, repensar os nossos métodos de trabalho, repensar o se a gente ama o que a gente faz, porque se tem gente que só reclama, e reclama, tá na profissão errada. Porque se a gente ama o que faz, a gente faz, pode ser até de cabeça para baixo.

Taylor salienta ainda sua motivação:

O que me motiva a sempre ministrar aula é contribuir para a formação acadêmica dos discentes e das discentes. Porque eu entendo que essa é a premissa maior do docente: contribuição para a formação acadêmica dos seus discentes.

Nesse sentido, as falas das entrevistadas reafirmam a perspectiva apontada, no trabalho de Godoi et al. (2020) no apogeu da pandemia, gerou os mais diversos impactos e intensificação de consequências mentais e físicas relacionadas aos objetivos da instituição em ater-se a um ensino de qualidade. No entanto, por suas condições subjetivas e individualizadas, percebeu-se que esse fator sobressaiu quanto a todos os desafios surgidos no período, no qual os discursos também vão ao encontro do que discorre Dejours (1987; 2012; 2014)

Nesse contexto, observa-se que, apesar de inúmeros desafios que os docentes enfrentaram, os seus aspectos pessoais vocacionais sobressaíram. Conforme Souza et al. (2020), ao haver a alteração do ambiente de trabalho e aparecendo novas exigências, bem como Godoi et al. (2020), ponderando os diversos desafios dos docentes, no ápice da pandemia, foram perpassados pelos docentes. Porém, com suas características de amor à docência e desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, constituíram os pilares para passar o período pandêmico na docência superior sem questionar seus próprios instintos pessoais.

Dessa maneira, Fayol relata que “Todos os professores, de alguma maneira, tenham tentado melhorar, suas condições de dar aula: se preparar adequadamente para tentar atingir o objetivo...” o que solidifica a percepção de crescimento pessoal e profissional dos docentes entrevistados. Assim, a construção de uma marca pessoal, de acordo com Dario e Lourenço (2018), cristalizada por esse avanço de habilidades adquiridas, forma um dos fatores de prazer.

5.2.2. Desenvolvimento das relações docentes e discentes

Conforme Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), um dos fatores propulsores do prazer no trabalho é o relacionamento social e, de acordo com a entrevistada Follet, “[...] a gente tem que aproveitar esse momento para desenvolver o relacionamento com os alunos, mesmo que distante, desenvolver como ser humano e olhar positivamente para as coisas, entendeu?”, assim, visto que os docentes, além das relações já advindas com os processos de aulas, tentaram aguçar esse aspecto no intuito de melhorar a praxe docente.

A entrevistada Follet reforça que o não prejuízo nas relações, pois, de acordo com sua fala “[...] eu não vejo nenhum prejuízo, só mesmo aquele contato físico”, desse modo, as relações preconizadas nos estudos de Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) se aplicam aqui também sob os aspectos de proximidade física. Follet ainda reitera que “A gente sente falta daquela questão... dessa animação que a gente tem no campus”. Essa fala confirma o que Taylor diz, quando se refere ao distanciamento nas aulas por meio de videoconferência “[...] o simples fato de em muitas das aulas não poder ver o discente, a discente na tela aqui do computador”, considerando um ponto negativo.

Para tanto, a instituição deu um suporte também para manter os docentes aptos a desenvolver a prática docente, o que correlaciona as suas relações com discentes e colegas docentes, assim como diz o entrevistado Taylor “...sentimento foi de gratidão da minha parte por a instituição ter tido essa iniciativa de cooperar, de contribuir de um modo geral, para o nosso bem-estar”.

Além disso, não foram apenas com os discentes que tentou desenvolver as relações e, sim, também com colegas docentes do campus. A entrevistada Wahrlich atesta o aproveitamento de reuniões realizadas e, também, a ausência de prejuízos no relacionamento interpessoal “Sempre foram muito proveitosas (as reuniões), objetivamente falando. Mas o contato com os professores: nenhum prejuízo, nenhum”.

Ainda no aspecto do relacionamento docente, houve cooperação mútua, em que Fayol relata: “[...] de um tentar ajudar o outro assim no sentido de procurar mesmo se qualificar acho que isso marcou bastante...”, da mesma forma Taylor diz “[...] sempre houve essa **cooperação**, a gente dialogava na medida do possível com o colega compartilhando uma aprendizagem que poderia auxiliar, que poderia colaborar. Isso estabelece relação com o que Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015), em que as relações entre colegas de trabalho e cooperação, traduz-se em melhor estado mental, o que Dejours (1987) traz como o prazer na prática do trabalho.

5.2.3. Gestão do tempo

Apesar da prática do trabalho docente exigir que se façam atividades fora do horário de expediente, como Wahrlich diz “eu sempre disponibilizei o máximo acesso é no que toca à comunicação. Sempre pelo WhatsApp, entendeu? Então, por exemplo, eu tinha aluno que eu falava com ele 10 horas da noite assunto sempre pertinente à sala de aula”, bem como durante a pandemia ter aparecido mais exigências e até sobrecargas para a consecução de objetivos, assim como ter a convivência com a precarização do ensino superior, os docentes não consideraram a carga de trabalho diferente da já habitual presencial. A entrevistada Follet diz que:

[...] eu não achei que houve aumento de trabalho de jeito nenhum. A gente quando tá no presencial não tem essa história de dar uma semana e na outra semana não dá não. A gente tem que estar lá toda a aula.

Isso corrobora o que Taylor relata “Não aumentou (a carga de trabalho), ao contrário, em alguns momentos, ele fez foi exatamente diminuir” (SILVA et al., 2020; DÁRIO, 2021). Esta fala de Taylor está de acordo com o que Follet diz em “...eu acho que tem a possibilidade do contrário (menos carga de trabalho), porque tem a ser síncrona e assíncrona né? Então tem a possibilidade de o professor ficar uma semana sem trabalhar, e alguns fazem...”. Isso faz com que os docentes tivessem também um tempo dedicado a si e à família.

Outrossim, o aspecto de os docentes estarem no trabalho remoto já contribuiu para permanecerem próximos a familiares que coabitam, e isso é visto na fala de Fayol “Eu estava próximo da minha família, do meu filho, da minha esposa...”. Esse fator contribui para que os docentes condicionassem sua mente para “suportar” o período pandêmico no trabalho remoto (SILVA; SILVA; NELSON, 2015).

Assim, a atividade docente remota, por gerar um ritmo de trabalho diferente, fez com que houvesse certa flexibilidade, em que Taylor destaca “[...] houve uma flexibilização de horário”, o que fez com que docentes tivessem oportunidades de desenvolver atividades, sejam profissionais, pessoais, no sentido de aproveitar essa nova faceta que o ensino remoto, por decorrência da pandemia, como Follet explica em sua fala que iniciou o doutorado e, mesmo assim, permaneceu lecionando disciplinas “[...] eu estou tendo a oportunidade de tá fazendo o doutorado e estar com vocês, entendeu? Eu não poderia fazer isso se não tivesse remoto”.

Portanto programação cotidiana dos docentes somadas às necessidades diárias, tanto sob o ponto de vista pessoal quanto profissional, fez com que os docentes utilizassem a oportunidade desse tempo (SILVA, et al., 2020). Isso está intrinsecamente relacionado também ao fator de prazer do crescimento pessoal e profissional, em que se observa interligação entre os fatores (DARIO; LOURENÇO, 2018).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a percepção de fatores que propiciam sofrimento e/ou prazer, em docentes de uma instituição de ensino superior no Nordeste do Brasil, quanto à mudança, no ambiente de trabalho, durante o período pandêmico, foi conduzido um estudo qualitativo com caráter explicativo, na qual foram realizadas entrevistas com roteiros semiestruturados por meio de videoconferência. Para tanto, foram analisadas e os resultados estruturados sob os aspectos de sofrimento e prazer decorrentes na atividade docente no perpassar do período pandêmico.

Nesse sentido, quanto ao sofrimento, foi compreendido que a necessidade de se fazer o ensino por meio remoto causou impactos diretos nos docentes. Primeiramente, deve-se ao fato de desgaste mental na sua adaptação ao ambiente de trabalho “novo” e também adequação de sua rotina de ensino, o que chegou a gerar conflitos com tarefas domésticas. Outro fator está relacionado ao distanciamento ocorrido entre os docentes e discentes, bem como entre os docentes e seus colegas de trabalho, em que, apesar de não afetar as relações interpessoais, foi algo visto como fonte de sofrimento pelos docentes, pelo fato de não terem o acaloramento que no ensino presencial há. Além disso, o pouco reconhecimento sobre a categoria docente também foi visto como algo que entra nesse aspecto, nessa parte tanto da sociedade como da esfera governamental e política. Assim, isso corrobora para o desencadeamento de consequências do sofrimento no trabalho, podendo evoluir para patologias relacionadas à ergonomia e psicologias.

Quanto ao prazer, verificou-se que a carga de aprendizado, desde métodos didáticos até tecnologias que foram vistos como uma satisfação pessoal, embora desafios houvessem surgidos, a sentimento de ter-se desenvolvido tanto pessoal quanto profissionalmente constituiu uma fonte de prazer. Ainda as relações sociais foram desenvolvidas sob o aspecto de serem observadas as contribuições mútuas entre os docentes, com o fim de auxiliar de algum modo sua adaptação à nova metodologia de ensino, bem como também foi conduzida uma nova forma de diálogo com os discentes, desenvolvendo laços de relacionamento. Portanto os aspectos de prazer foram essenciais, sobremaneira, na mitigação daquele sofrimento para que os docentes enfrentassem os percalços do ensino remoto durante a pandemia.

Cabe destacar algumas limitações na realização deste estudo. Primeiramente, houve não resposta em relação aos convites feitos, o que fez diminuir a amostra, que poderia ter contribuído com mais dados dessas entrevistas que não foram feitas. Em segundo lugar, está o

fato de um dos professores também desempenhar a função de coordenador do curso, durante a pandemia, e dois estarem em regime de afastamento parcial por serem, à época, doutorandos.

Por último, os docentes entrevistados eram professores dos autores que realizaram as entrevistas, o que pode ter inibido algumas respostas mais precisas. Quanto aos estudos futuros, sugere-se que seja feita análise mais profunda dos fatores de sofrimento e prazer em docentes que desempenham também atividades de gestão relacionada ao trabalho. Sendo assim, a compreensão do estudo deu-se sob o aspecto de que pelo ambiente laboral dos docentes ter mudado, por causa da pandemia, constituiu fatores de sofrimento e prazer.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, K. A.; MAIA, F. L.; BRIDI, M.A. As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia covid-19. **NORUS**, v. 8, n. 14, p. 8-39, ago./dez. 2020.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.

COLBARI, A. A Análise de conteúdo e pesquisa empírica qualitativa. In: SOUZA, E. M. (Org.). *Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. Vitória: EDUFES, 2014, p. 241-271.

DARIO, V. C.; LOURENÇO, M. L. Cultura Organizacional e Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho: Um Estudo com Professores de Instituições Federais de Ensino Superior. **Revista Organizações em Contexto**, v. 14, n. 27, p. 345-395, 2018.

DARIO, V. C.; VILELA, N. G. S.; LOURENÇO, M. L. Raiva, Medo, Angústia: Emoções e Vivências de Sofrimento no Trabalho de Professores de Graduação. **Revista de Administração da Unimep**, v. 19, n. 1, p. 208-228, 2021.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1987.

DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1993.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo, tomo I, Sexualidade e Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS, C.. Work and self-development: the point of view of the psychodynamics of work. **Critical Horizons**, v. 15, n. 2, p. 115-130, 2014.

FILARDI, F.; CASTRO, R. M.; ZANINI, M. T. F. Vantagens e Desvantagens do Teletrabalho na Administração Pública: Análise das Experiências do Serpro e da Receita Federal. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 1, p. 28-46, 2020.

FREITAS, M. E. Quem paga a conta do assédio moral no trabalho?. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, art. 12, p. 1-7, 2007.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 89-114.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (org). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2010.

GODOY, A. S. Estudo de Caso Qualitativo In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GUSSO, H. L. et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. 1-26, 2020.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do trabalho no Brasil: revisão sistemática da literatura. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 803-814, 2015.

HOFFMANN, C. et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. **Estudos Avançados**, v. 31, p. 257-276, 2017.

MARTINS, A. A. V.; HONÓRIO, L. C. Prazer e Sofrimento - Docente em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Minas Gerais. **Organizações & Sociedade**, v. 21, n. 68, p. 835-852, 2014.

NOBRE, A. Explorando desafios pedagógicos digitais no ensino profissional durante a pandemia da COVID-19. *EmRede-Revista de Educação a Distância*, v. 8, n. 1, 2021.

SILVA, A. F.; ESTRELA, F. M.; LIMA, N. S.; ABREU, C. T. A. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 30, n. 2, p. 1-4, 2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300216>

SILVA, J. C. B. C.; SILVA, A. L. A.; NELSON, A. V. M. Sofrimento humano nas organizações: o enfoque na sociedade disciplinar. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 5, n. 3, p. 402-412, 2015.

SOUZA, K. R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 1-14, 2021, DOI: 10.1590/1981-7746-sol00309.